

HORÁCIO, *ODES*, I 4; I 11; III 30¹

Odes, I 4

Desfaz-se o rude inverno com o retorno
da doce primavera e de Favônio,
e as máquinas arrastam quilhas secas.
Já não apraz ao gado estar no estábulo,
e nem ao lavrador sentar-se ao fogo:
não mais alveja o campo a branca neve.

Vem Vênus citereia já puxando
um cordão sob a lua sobranceira,
e as Graças, lindas, a dançar com as ninfas,
no ritmo de seus pés a terra batem;
enquanto, grave e ardente, vai Vulcano
inspecionar as forjas dos ciclopes.

É hora de adornar a fronte clara
com o verdejante mirto ou com uma flor
que a terra, agora livre, nos oferta;
é hora de imolar, no umbroso bosque,
a Fauno a ovelhinha que ele exija,
ou um cabrito, caso ele prefira.

Com o mesmo passo adentra a Morte pálida
mesquinhas choças e soberbas torres.
Meu caro Séstio, a vida é muito breve,
nela não cabem longas esperanças.
De repente verás que já te cercam
a noite com seus manes espectrais
e a morada impalpável de Plutão.

Assim que lá chegares, dize adeus
a todos os prazeres deste mundo.

¹ Tradução do texto latino: HORACE. *Odes et epodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: "Les Belles Lettres", 1981.

Odes, I 11

Não queiras tu, Leucônoe, descobrir
que fim a ti e a mim darão os deuses
(nem é bom que se saibam essas coisas),
esquece a astrologia babilônia:
melhor deixar que seja lá o que for.

Quer Júpiter te dê muitos invernos,
quer seja o derradeiro este que agora
fatiga o mar Tirreno contra as fragas,
tem prudência: dilui o vinho e ajusta
a esperança – que é longa – ao breve instante.

Foge o tempo invejoso enquanto falo:
— Colhe o dia e não contes que haja outro.

Odes, III 30

Ergui um monumento
mais perene que o bronze,
mais alto que as pirâmides,
obras dignas de reis.
Nem a chuva voraz,
nem o rude Aquilão,
nem os anos sem fim,
nem a fuga do tempo
poderão destruí-lo.

Não morrerei de todo:
boa parte de mim
fugirá à Libitina;
sempre eu, renascerei
na glória do porvir,
enquanto ao Capitólio
uma virgem calada
for seguindo o pontífice.

Dirão, por onde ruge
o Áufido estrepitoso

(onde quase sem água
Dauno entre povos rústicos
costumava reinar),
que eu, de origem humilde,
fui príncipe potente
trazendo o canto eólio
para os ritmos itálicos.

Recebe por tais méritos
a pretendida honra
e com o loureiro délfico
cinge-me, se te apraz,
Melpômene, os cabelos.

Tradução de
MÁRCIO THAMOS
Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual Paulista (Araraquara)